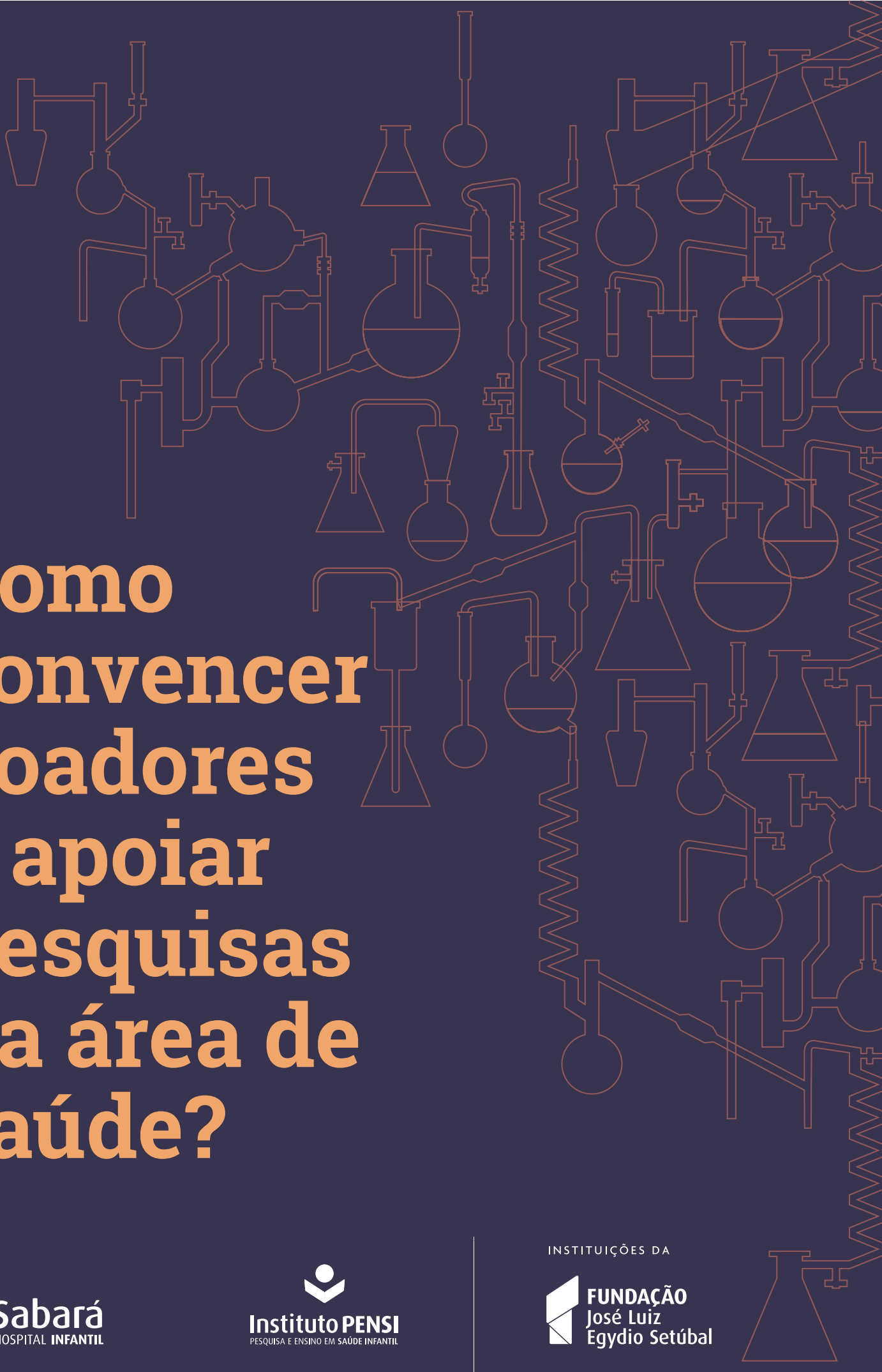
Como convencer doadores a apoiar pesquisas na área de saúde?



Sabará HOSPITAL INFANTIL

Instituto PENSI
PESQUISA E ENSINO EM SAÚDE INFANTIL

INSTITUIÇÕES DA
FUNDAÇÃO José Luiz Egydio Setúbal

Webinário Filantropia em Ciência

6 de maio de 2021

DEBATEDORES:

José Luiz Egydio Setúbal
moderador, FJLES
Melissa Berman
Rockefeller Philanthropy Advisors
Carolina Prando
Instituto de Pesquisa Pelé Pequeno Príncipe
Iris Fridman
Hospital Israelita Albert Einstein
Luciana Spring
AC Camargo Cancer Center
Marcos Paulo de Lucca Silveira
FJLES

APOIO:

Associação Brasileira de Captadores de Recursos (ABCR), Associação Paulista de Fundações, Gife, Associação Nacional de Hospitais Privados (Anahp), Fórum Intersetorial para Combate às Doenças Crônicas e Não Transmissíveis

REALIZAÇÃO:

Instituto Pesquisa e Ensino em Saúde Infantil (Pensi)
Fundação José Luiz Egydio Setúbal

Assista na íntegra

Apoiar pesquisa em saúde significa apoiar exatamente o quê?

“Pesquisa em saúde” sintetiza, numa única expressão, atividades muito diferentes. Num vídeo que abriu o webinário, Melissa Berman, presidente da Rockefeller Philanthropy Advisors, uma consultoria em filantropia dos EUA, deixou claro o vasto campo de iniciativas apoiadas por filantropos.

01 **Pesquisa de vacinas ou medicamentos:** Esta é uma área em que, internacionalmente, a Fundação Bill & Melinda Gates tem se destacado. Trata-se do investimento filantrópico voltado a tratamento ou cura de uma doença específica – como pólio, malária e outras enfermidades negligenciadas. Compreende, portanto, pesquisa aplicada, que visa claramente um uso rápido e direto.

02 **Pesquisa básica:** Debruça-se sobre os fundamentos das ciências, quase sempre sem perspectiva de aplicação no curto ou médio prazo. Um dos protagonistas citados por Melissa Berman é a Fundação Simons, que tem tentado destacar que “sem pesquisa básica, a pesquisa aplicada não tem dados com que trabalhar”. Nessa vertente é que a filantropia pode lançar-se numa das tarefas que cumpre melhor: fazer investimentos de risco. “O governo e as instituições públicas muitas vezes estão restritos em sua capacidade de se arriscar. Mas filantropia privada pode fazer mais disso”.

03 **Pesquisas sobre acesso a saúde:** Uma categoria bem ampla, relacionada ao que se costuma chamar de determinantes sociais da saúde. Sob essa perspectiva, de pouco adianta haver medicamentos se pessoas pobres ou desfavorecidas não conseguem pagar por eles ou ter acesso a eles. “Se hoje fosse descoberta uma vacina contra a Aids, levaria ao menos uma década para ser distribuída a comunidades pobres ao redor do mundo, sejam no Brasil, na África ou na Ásia – sem falar das comunidades desfavorecidas da América do Norte e da Europa”, frisou a consultora.

Mesmo nessa área, os tipos de iniciativas apoiadas podem ser bem diferentes – além de acesso a medicamentos ou tratamentos, algumas abrangem educação, outras geração de renda. “De certa forma, dar uma boa educação aos pais pode ser mais importante para a saúde do que o tratamento para malária.”

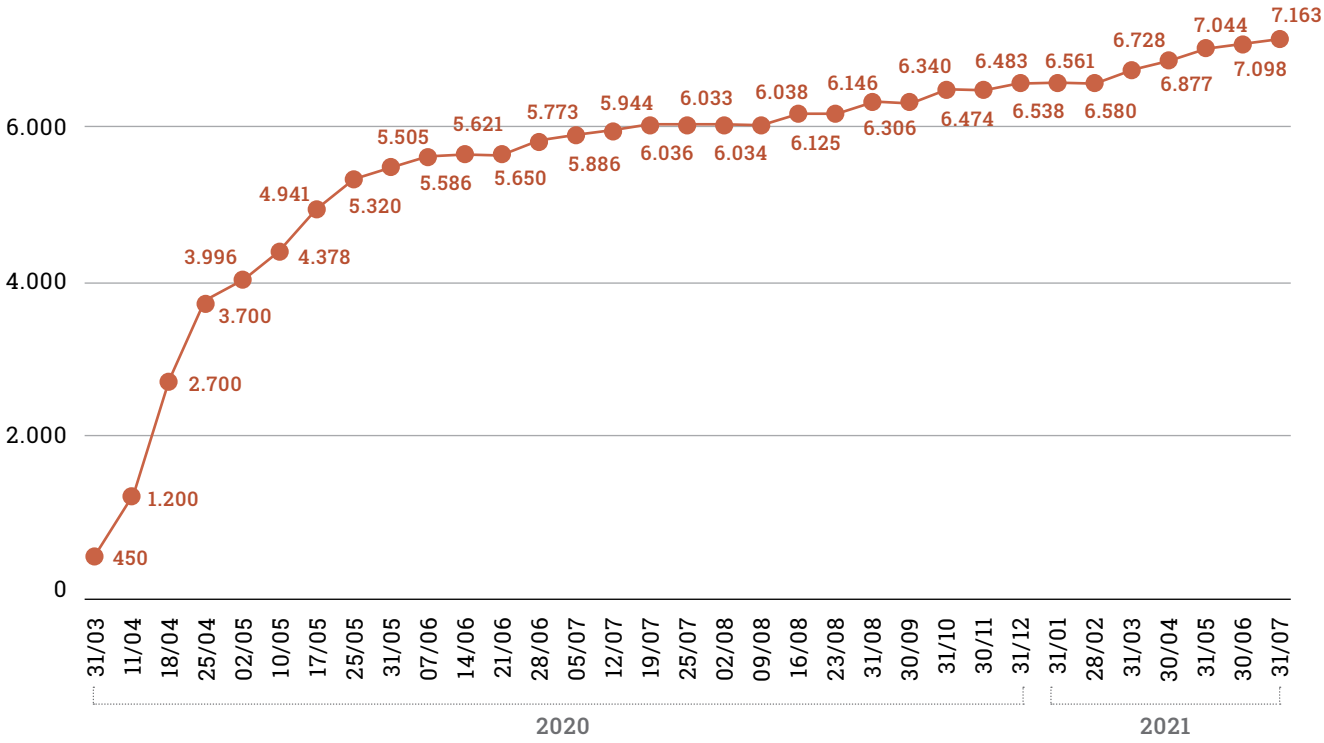
04 **Pesquisa sobre sistemas alimentares:** Este é um tipo de pesquisa básica direcionado a acesso e aproveitamento de alimentos. “Quando alguém não está bem alimentado, o medicamento pode não ser eficiente”, exemplificou Berman.

Em cada uma dessas perspectivas os filantropos podem recorrer a estratégias diferentes. Alguns colocam dinheiro em bolsas para cientistas em início de carreira. Outros investem em instituições reconhecidas, avaliando que elas têm condições de usar os recursos como acharem melhor. Outros preferem projetos específicos nos quais possam se envolver mais diretamente.

“Acho importante os filantropos entenderem o sistema todo que abrange a saúde das pessoas e chegarem à sua própria visão de como seu apoio financeiro pode realmente fazer diferença. O entusiasmo que os filantropos trazem como financiadores voluntários é muito importante. Essa paixão se traduz em disposição para assumir riscos – na pesquisa básica, aplicada e na entrega do serviço. Precisamos de novas ideias, experimentação, em todo espectro”, defendeu a consultora.

A pandemia de coronavírus movimentou um volume sem precedente de recursos filantrópicos, boa parte deles para saúde, ou mesmo para a pesquisa nessa área. É praticamente certo que a tendência desacelere no pós-covid – isso ocorreu já durante a própria crise sanitária: nos dois primeiros meses (abril e maio de 2020) os aportes atingiram R$ 5 bilhões; nos 12 seguintes, R$ 2 bilhões, de acordo com o **Monitor das Doações Covid-19**. **Mas como aproveitar as possibilidades surgidas recentemente para manter o apoio à saúde** em patamares mais elevados que os anteriores?

MONITOR DAS DOÇÕES DA COVID 19 - EVOLUÇÃO SEMANAL (DOAÇÕES EM MILHÕES)



"Houve muitas iniciativas de destaque. Seria ótimo que isso se consolidasse, que não fosse apenas um momento esporádico na agenda da filantropia", comentou o pesquisador Marcos Paulo de Lucca Silveira, da Fundação José Luiz Egydio Setúbal (FJLES), durante o webinário **Filantropia em Ciência**. O seminário on-line foi promovido pela Fundação, por meio do Instituto Pesquisa e Ensino em Saúde Infantil (Pensi). As experiências de três hospitais brasileiros apresentadas no evento – AC Camargo, Einstein e Pequeno Príncipe – indicam que é crucial identificar na organização as causas que mais sensibilizam os doadores e traçar estratégias a partir delas. Os três, aliás, nasceram graças à mobilização da sociedade civil.

QUANTO FOI DOADO PARA A PESQUISA EM SAÚDE DURANTE A PANDEMIA?

Não se sabe com precisão. Uma pesquisa de Lucca Silveira baseada no Monitor das Doações dividiu os recursos entre não estruturantes (repasses de impacto no curto ou médio prazo, como alimentos e equipamentos de proteção individual) e estruturantes (de impacto mais duradouro, como pesquisa, mas também produção de remédios e construção de hospitais). Lucca Silveira primeiro excluiu as cinco maiores doações, e concluiu que, das outras 145 maiores feitas durante a pandemia, 75% eram do primeiro tipo, emergencial. Quando se incluem as cinco maiores, a situação se inverte – o que indica que os **megadoadores têm perfil e focos próprios, diferentes dos demais**.

Esse dinheiro irrigou iniciativas relevantes como a Unidos contra a Covid, da Fiocruz, que arrecadou R$ 494,7 milhões, o Instituto Butantan (que recebeu R$ 162 milhões para a construção de uma fábrica, R$ 20 milhões para testes em covid e R$ 1,6 milhão para estudos clínicos) e o USP Vida (R$ 4,5 milhões).

DEPOIS DA PANDEMIA, A PESQUISA EM SAÚDE VAI CONTINUAR ATRAINDO DOADORES?

É improvável que os recursos mantenham os níveis alcançados na eclosão da covid-19. Mesmo durante a pandemia a injeção de novas cifras foi minguando, como mostrado acima. Mas alguns palestrantes esperam que a pesquisa em saúde passe a ter mais atenção que antes da crise sanitária.

"A covid veio para mostrar que sem ciência a gente não tem diagnóstico, não tem tratamento, não tem vacina", declarou Carolina Prando, diretora de Medicina Translacional do Instituto de Pesquisa Pelé Pequeno Príncipe, ligado ao Hospital Pequeno Príncipe, maior hospital pediátrico do Brasil. **"Os doadores entenderam que a ciência salva vidas.** Acredito que essa é uma tendência que não volta atrás. É triste, porque veio com uma pandemia em que perdemos e ainda estamos perdendo tantas vidas, mas abriu uma janela de oportunidades para um país tão necessitado de incentivo à ciência, aos pesquisadores", comentou a gerente de Relações Institucionais do Hospital Israelita Albert Einstein, Iris Fridman.



MAS COMO AS ORGANIZAÇÕES PODEM ATRAIR OS FILANTROPOS?

É possível extrair, da fala das palestrantes no webinário, algumas estratégias nesse sentido.

Sensibilizar pela causa: Esse é o caso do AC Camargo Cancer Center. "O câncer é uma doença cada vez mais frequente. Isso por si só tem um apelo muito grande, motiva os doadores", disse a diretora jurídica, de Compliance e de Sustentabilidade do hospital, Luciana Spring. No Pequeno Príncipe, a causa infantil é um vetor importante de atração de doações, inclusive de doações espontâneas. Mas, ponderou Prando, isso é mais comum para o hospital do que para o instituto de pesquisa – e aí é que entra o item seguinte.

Traduzir a pesquisa em resultados tocantes: Uma das dificuldades de convencer os doadores a pôr dinheiro na área é que pesquisas em saúde comumente envolvem termos, assuntos e processos intrincados. "O câncer tem apelo, mas é um tema complexo. Uma grande complexidade é traduzir a parte científica, técnica, da pesquisa numa linguagem mais simples, que o doador consiga entender e diga: sei no que o projeto vai virar e eu vou entrar nessa", observou Spring. No Pequeno Príncipe, a estratégia foi criar a diretoria de Medicina Translacional, que busca fazer uma ponte entre a pesquisa básica e sua aplicação no hospital. "Nosso esforço é 'traduzir' o que a gente faz e explicar no que pode resultar", contou Carolina Prando. "A gente costuma contar para os doadores casos de sucesso, de crianças que puderam ser corretamente diagnosticadas em razão da pesquisa do instituto, de crianças que, sem a pesquisa do instituto, não teriam sido curadas de uma doença. Assim a gente consegue mostrar de forma clara que a pesquisa feita na bancada não para ali, não fica só no laboratório: ela é levada para a clínica, tem uma aplicação prática." Na avaliação dela, a própria pandemia ajudou nesse sentido, ao forçar os cientistas a mudar o jeito de se comunicar, a se fazer entender.

Manter laços estreitos com a comunidade: O Einstein se destaca nesse sentido. Iris Fridman lembrou que o hospital israelita foi criado por doadores que buscavam colaborar com o progresso da ciência e da saúde no Brasil. Embora esteja umbilicalmente ligada à comunidade judaica, a instituição também tem recebido aportes importantes de não judeus.

Pedir a quem se beneficiou: As três palestrantes trabalham em hospitais de ponta. Isso contribui para que quem usufruiu de

seus serviços sinta-se grato por ter se beneficiado de avanços na ciência. "Nossos doadores acreditam que a pesquisa oncológica traz melhores tratamentos, melhor qualidade de vida e sobrevida ao paciente. Grande parte do que recebemos vem de pessoas físicas que já passaram pelo hospital e são gratas pelo tratamento que tiveram", contou Luciana Spring. "Se direcionamos do modo certo e se o doador ou familiar passou por tratamento e sabe como a tecnologia, a inovação, trouxe benefícios nesse tratamento, ele mesmo quer contribuir", reforçou Fridman.

Ter bons projetos para apresentar: Assim como em algumas outras áreas, é frequente que os filantropos queiram contribuir não com pesquisa, genericamente, mas com iniciativas específicas. No Instituto Pelé Pequeno Príncipe, cerca de 90% da captação vem de projetos. "Apresentamos para possíveis doadores, e eles definem com qual têm interesse em colaborar", resumiu Carolina Prando. No AC Camargo, esse é uma demanda principalmente de empresas. "Pessoas jurídicas querem entender com maior profundidade onde o dinheiro vai ser colocado, qual é o projeto, em que ele vai resultar", afirmou Spring.

Aproveitar as (poucas) leis de incentivo na área: Basicamente, são duas: o Programa Nacional de Apoio à Atenção Oncológica (Pronon) e o Programa Nacional de Apoio à Atenção da Saúde da Pessoa com Deficiência (Pronas/PCD). E aqui este ponto se liga ao anterior: em ambas, indivíduos e empresas podem contribuir com projetos específicos e deduzir a doação do Imposto de Renda devido (1%). Todos os hospitais representados no webinário usam esses mecanismos. "Como estão ligados a renúncia fiscal, eles têm apelo grande", disse a diretora do AC Camargo. As palestrantes defenderam a ampliação do escopo dessas leis. "Seria importante que elas se estendessem à pesquisa científica em geral. Isso colocaria a pesquisa em outro patamar", declarou Fridman.

Criar fundos mais duradouros: Pesquisas científicas frequentemente demoram anos até serem aplicadas na assistência – ou até se descobrir que não podem ser aplicadas diretamente. "É um risco dessa atividade", resumiu Spring. Por isso, é especialmente útil criar um fundo que possa assegurar operações de mais longo prazo – como os fundos patrimoniais. No Einstein, o mecanismo atende à Faculdade de Medicina, e inclui um fundo para alunos bolsistas. O Pequeno Príncipe criou um fundo especial voltado à construção de uma nova unidade, que também abrigará atividades de pesquisa.

O AC Camargo dispõe de um fundo do qual a instituição pode retirar juros e rendimentos – não o valor principal. "É voltado para o doador institucional, que quer deixar um legado, que pensa na perenidade e na importância do fundo para a pesquisa", contou Spring. Trata-se

de um modo de depender menos de verba pública e de aportes do próprio hospital. A meta é que o fundo supra 80% dos custos de ensino e pesquisa da instituição. "Não podemos depender apenas dos fomentos públicos, nem só das doações de pessoas físicas, que em volume são grandes, mas têm um tíquete menor."

Ajudar a disseminar a importância da ciência: Essa é uma tarefa em que a própria pandemia tratou de ajudar. "A ciência foi popularizada, recebeu holofotes. Se quisermos um país de primeira linha, precisamos colocar a ciência no centro, no radar da filantropia", propôs Iris Fridman, do Einstein. Mas é preciso fazer mais. Carolina Prando contou que, quando o Hospital Pequeno Príncipe decidiu criar um instituto de pesquisa, nos anos 2000, foi muito criticado. "As pessoas diziam: se falta dinheiro para comprar remédio, como vocês vão querer começar a buscar dinheiro para fazer pesquisa em laboratório?". Ela defendeu que é necessário "mudar a cultura, para que a ciência seja valorizada". As crianças, público com o qual o Pequeno Príncipe lida diariamente, têm papel fundamental. "Meninos e meninas precisam ganhar microscópio, kits de pesquisa, brincar de fazer ciência. E não perder a curiosidade que permeiam suas brincadeiras."



Sabará HOSPITAL INFANTIL

Instituto PENSI
PESQUISA E ENSINO EM SAÚDE INFANTIL

INSTITUIÇÕES DA

FUNDAÇÃO José Luiz Egydio Setúbal

